

6. "Viram onde ele morava e ficaram com ele"

Depois do que meditamos sobre o episódio do jovem rico, entendemos que o importante é entender o que significa não fazer como ele, justamente para não nos encontrarmos vivendo na tristeza de rejeitar a alegria rejeitando o tesouro eterno que Cristo nos oferece.

A alegria, como a vocação, é uma realidade que se compreende pela experiência, não pela teoria. Quando muito, a reflexão teórica é importante como um aprofundamento consciente de nossa experiência, para nos ajudar a vivê-la com mais atenção e intensidade. Por isso, no Evangelho os acontecimentos e os ensinamentos estão sempre entrelaçados.

Ou seja, devemos sempre recomeçar desde o primeiro encontro com Cristo, tal como o vivemos no dia em que nasceu em nós a decisão de segui-lo para sempre, encontro como o descreve João de si mesmo e André:

"No dia seguinte, estava lá João outra vez com dois dos seus discípulos. E, avistando Jesus que ia passando, disse: 'Eis o Cordeiro de Deus'. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. Voltando-se Jesus e vendo que o seguiam, perguntou-lhes: 'Que procurais?'. Disseram-lhe: 'Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?'. – 'Vinde e vede' – respondeu-lhes ele. Foram aonde ele morava e ficaram com ele aquele dia. Era cerca da hora décima" (Jo 1,35-39).

É importante compreender como André e João encontraram uma morada naquele dia, ou melhor, um "morar" que depois veio a ser e cresceu como o lugar espiritual de sua adesão a Jesus Cristo. Naquele dia, eles não tanto encontraram onde Jesus vivia naquele momento. Talvez nunca tenham voltado àquela casa, ou talvez nem mesmo Jesus tenha ficado lá por muito tempo, pois, como observa João: "No dia seguinte, tinha Jesus a intenção de dirigir-se à Galileia" (Jo 1,43). Porém, naquele dia os dois primeiros discípulos descobriram *onde podiam morar com Jesus*: "Foram aonde ele morava e ficaram com ele aquele dia" (Jo 1,39). Trata-se de descobrir e de deixar-nos revelar por Cristo – "Vinde e vede" (Jo 1,39) – a morada na qual podemos morar com Ele, não só um dia, mas toda a vida, em todos os momentos, onde quer que estejamos, aconteça o que acontecer, qualquer que seja o encontro que tenhamos.

Imaginemos os dois jovens futuros apóstolos quando se encontraram naquela casa com Jesus, a observá-lo e escutá-lo durante todo o dia. Que experiência fizeram? Em que sentido encontraram uma nova morada para suas vidas, para tudo o que preenchia sua jovem vida e dela transbordava, para todas as relações que povoaram sua existência? Certamente fizeram a experiência de que habitando com Jesus se verificava uma misteriosa possibilidade de dilatação do espaço e do tempo que tornava sua vida e seu coração capazes de um acolhimento novo de tudo e de todos, de um acolhimento sem medo, sem cálculos, sem defesas.

Essa dilatação é sugerida pela forma como João, já muito velho, contará esse episódio em seu Evangelho. Ele diz que "eram cerca de quatro horas da tarde" (Jo 1,39). Ele não diz isso porque tinha uma boa memória do passado, mas porque na realidade naquele dia, àquela hora, para ele e André o tempo parou, parou às quatro da tarde. Mas não porque depois daquele instante não houve nada, mas porque a partir daquele

instante a vida deles entrou em *um tempo novo*, um tempo dilatado, um tempo eterno. E também o espaço: a partir da permanência naquela morada, o espaço no qual passaram a viver não tinha mais limites, dilatava-se até o infinito.

É claro que também eles, como nós, muitas vezes voltaram a fechar-se dentro dos limites de tempo e espaço medidos por eles mesmos e não pela presença e pelo amor de Jesus. Porém, a partir daquele dia, qualquer redução de seus corações às velhas medidas a sentirão sempre como uma traição, uma ferida, uma experiência do vazio. Entrando naquela casa àquela hora, eles haviam entrado para sempre em uma morada que os tornava sem pátria fora da moradia com Cristo, fora da sua presença, fora da comunhão com Ele.

Judas consumou essa traição até o fim, e deixou-se escorregar até o fundo do vazio, longe de Jesus. Mas não encontrou morada fora da amizade com Cristo, porque mesmo para ele já não podia haver morada, espaço e tempo para a sua vida, fora daquela em que Cristo o acolhera um dia. Não se suicidou apenas enforcando-se, mas já saindo da morada de Cristo: "E tendo Judas recebido o bocado de pão, apressou-se em sair. E era noite..." (Jo 13,30). Saindo do morar em Cristo, Judas se encontra num espaço e num tempo que é noite, que não tem definição, um espaço vazio, sobre o qual não se põe os pés, sobre o qual não se anda (o espaço do enforcado!), e um tempo parado, que não flui mais, sem presente e sem futuro...

Pouco depois, nos discursos durante a última Ceia, Jesus talvez também tenha pensado em Judas, dizendo: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15, 5), o que pode ser traduzido, talvez melhor, como "*Fora* de mim nada podeis fazer". Estar com Cristo não é apenas uma companhia paralela, um estar ao lado um do outro, mas uma inclusão, um pertencimento inclusivo, sem, porém, jamais ser exclusivo; é um morar, um *ser Nele*, como farão ressoar as cartas de São Paulo e de São João.

O poeta Clemente Rebora, convertido e tornado padre rosminiano, escreve em uma meditação natalina: "Quando a alma não encontra o ponto de consistência interior, vagueia em direção a satisfações exteriores que permanecem vãs, porque nunca correspondem à verdadeira realidade interior".

O ponto de consistência interior é encontrado quando o coração descobre onde Cristo habita, onde pode morar com Ele. Consistência também é etimologicamente um termo que alude à morada: *cum-sistere*, ou seja, estar parado, estar junto, durar... O habitar com Cristo, em Cristo, é a mais firme consistência interior que podemos ter. Interior no sentido de que é a consistência do nosso eu, aquilo que nos faz realmente nós mesmos. É um "ponto", como diz Rebora, porque é um lugar preciso, um centro em torno do qual tudo gira, tudo está apoiado e se ordena, se harmoniza. Sem esta consistência, o que Rebora diz é verdade: se "vagueia em direção a satisfações exteriores que permanecem vãs, porque nunca correspondem à verdadeira realidade interior", ou seja, não correspondem ao nosso coração, àquilo para o qual é feito, desejado e amado por Deus. Uma criança sem lar, sem pais, sem família, sem uma relação *consistente*, não consegue crescer como sujeito, como "eu" definido, único. Não consegue nem mesmo brincar. Tanto mais nós se não encontramos, graças à Igreja e na Igreja, a nossa morada com o Senhor, o nosso lugar de consistência com Cristo.